



Fotos: Arquivo pessoal

FELINOS EM BOAS MÃOS

A incerteza de como as gatas reagiriam à sua ausência sempre preocupou a servidora pública Juliana Moraes, tutora de Dakota, Amora e Aurora. Deixar as felinas com colegas durante viagens profissionais não era a opção que mais a tranquilizava, já que as necessidades específicas das bichanas — caixa de areia e fonte de água sempre limpas, além de brincadeiras e companhia — exigiam mais atenção.

“É um equívoco a ideia de que o gato é um bicho totalmente independente e pode ficar sozinho por muito tempo”, frisa Juliana, que, ao descobrir e contratar o serviço de babá de gatos, passou a sentir maior segurança ao estar longe dos pets. As responsabilidades ficam por conta da auxiliar veterinária Anna Catarina, fundadora do Cat Sitter Brasília, atendimento em domicílio que visa cuidar dos felinos enquanto os tutores estão fora.

As visitas são diárias e, normalmente, duram uma hora, tempo em que é realizada a troca de comida e de água, a limpeza das caixinhas de areia e todos os procedimentos de higiene necessários. Como os gatos ficam mais carentes quando estão sozinhos, carinhos e brincadeiras são garantidos. Já os humanos recebem fotos e vídeos dos amigos de quatro patas, além de um relatório informando sobre tudo o que aconteceu durante esse período.



Dakota, Amora e Aurora são as gatas cuidadas pelo Cat Sitter Brasília (@catsitterbrasil)

A profissional conta haver também felinos mais acanhados, que não dão as caras durante as visitas, mas que, aos poucos, se acostumam com sua presença. “Alguns tutores ficam até surpresos quando o gato é medroso e no primeiro dia de visita eu já consigo a confiança dele. Tudo é questão de profissionalismo”, conta Anna. Apesar disso, muitas pessoas ainda não valorizam o trabalho, por julgarem ser apenas uma “olhadinha”, desconsiderando os estudos e a responsabilidade com o bicho e a casa do tutor.

O entendimento sobre comportamento animal, por exemplo, é fundamental para lidar com situações inesperadas e possíveis idas ao veterinário. Por isso, Juliana aprova e recomenda o serviço: “É muito melhor deixar com uma pessoa especializada do que com alguém que não tem tanta experiência com os pets”, acredita a servidora pública.

principalmente, fazer companhia e não deixá-los sozinhos. Daniela lembra que, quando viaja, recebe informações constantes, com vídeos, do seu border collie. Para Denise, os melhores feedbacks são os rabos saltitantes, os sorrisos estampados, a alegria na interação e a vontade de pular do carro sempre que os pets chegam ao portão.

Outra creche que oferece atividades semelhantes é a Pookie Pet, empreendimento de Priscila Freire, que abrange, ainda, serviços de hotel, consultório veterinário, banho e tosa. O day care é indicado para a diversão e a socialização dos cães, além de ajudar aqueles que têm problemas derivados da solidão, tédio, estresse, ansiedade, queda de pelo, lambadura excessiva e problemas comportamentais.

A rotina dos animais inclui brincadeiras individuais; movimentos com foco no convívio em matilha e momento da soneca e dos carinhos — com pouca luz e música para relaxar. A alimentação ocorre em baia individual e existem aulas de obediência básica, com o ensino de coman-

dos, e de circuitos, com obstáculos de pular, para gastar energia. É possível também optar por banhos a seco e escovação dos dentes.

Interação necessária

Devido ao processo de domesticação, no qual os cães tornaram-se afetivos aos humanos, a necessidade de criar vínculos apresenta-se como uma questão de sobrevivência. Isso porque há o desenvolvimento da comunicação entre ambos, na qual é possível compreender quando o pet sente fome e quando está com medo ou animado.

Nas creches e hotéis, o estímulo à interação entre os animais e com as pessoas somente será efetivo se o cachorro tiver vivido um processo de socialização na infância — das três semanas até os três meses de vida, segundo o médico veterinário comportamental Luiz Olivio (@vetolivio). Apesar de coincidir com o momento das primeiras vacinações, que exige cuidado redobrado, essas relações devem ser incentivadas.

Quando esse processo de interação não ocorre ou é malsucedido, o cão vê outros animais como ameaça, gerando medo, ansiedade e até agressividade. Na creche, provavelmente, ele terá o comportamento de se afastar do grupo, por não se sentir à vontade. Além disso, o repertório de saídas com o peludo será restrito, prejudicando mais ainda suas relações. “O processo de socialização não é simplesmente soltar o seu cão com outro; mas, sim, ensiná-lo como se comportar, estabelecendo limites, como fazemos com nossos filhos”, explica o veterinário.

Já para os pets que tiveram uma boa socialização, a creche vai permitir que a convivência continue ocorrendo, o que vai aprimorar a comunicação do cão e trazer grandes vantagens. As atividades mentais, por exemplo, satisfazem as necessidades do bicho, que volta para casa muito mais tranquilo.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**